

A dor e a delícia de ser travesti

Trazida à tona por Linn da Quebrada no *BBB*, a mais estigmatizada das identidades de gênero pede passagem e revela uma força que vai muito além da binaridade.

POR GABRYELLA GARCIA
ILUSTRAÇÃO VICTOR AGUIAR MAGALHÃES

“Eu sou o fracasso. Eu fracassei. Sou o fracasso de tudo aquilo que esperavam que eu fosse. Não sou homem nem sou mulher, sou travesti.” Foi assim que Linn da Quebrada, ou Lina Pereira, se apresentou em um dos programas de maior audiência do país. No *Big Brother Brasil*, a artista jogou luz sobre uma identidade que, provavelmente, é a mais estigmatizada e marginalizada sob o guarda-chuva transgênero: travesti.

Mas, afinal, o que é ser travesti? Existe diferença entre travesti e mulher trans? Por que tanto preconceito recai sobre essa palavra? Você não vai encontrar as respostas nos dicionários, que costumam reduzir o verbete a uma simples questão de uso de roupas do sexo oposto. Recorrer à etimologia também não vai ajudar: a palavra vem do francês *travesti/travestie*, que significam disfarçado/disfarçada. E aqui a primeira informação importante: apesar da origem francesa, travesti é uma identidade latino-americana, que foi abraçada no Brasil por desbravadoras como Rogéria e Thelma Lipp.

A influencer digital Alina Durso, criadora do Diário de uma Travesti, explica que essa é uma identidade feminina, mas não necessariamente ligada a uma mulher: “Vai muito além disso. É uma identidade exclusivamente latino-americana e muito plural. Algumas travestis se identificam como mulher e outras, não. Vale a autodenominação de cada uma”.

A pedagoga Ana Flor, que é gerente de redes sociais de Linn da Quebrada e também se identifica como travesti, reforça que a palavra acolpe inúmeras formas de ser e estar no mundo. “É difícil colocar em uma caixinha. Mas sei dizer o que não é travesti. Uma pessoa cis (*que se identifica de acordo com o gênero designado no nascimento*) não é.” Ser travesti também não é ser uma mulher trans, explica Ana, embora existam muitas similaridades entre as duas identidades.

“Para a mídia e grande parte das pessoas, as travestis são marginais e as mulheres trans são as que estão prosperando”, diz Alina. Ou seja, no imaginário das pessoas cis, as primeiras são automaticamente ligadas à prostituição e à criminalidade – o que torna mais urgente dizer a palavra travesti sem medo, ressalta a influencer: “Recebo muitas mensagens de gente falando que eu não deveria me intitular como travesti porque é um termo feio e ofensivo. Mas é incrível ocupar os espaços e me dizer travesti. A travestilidade é uma identidade política”.

A diferença entre mulher trans e travesti, portanto, não reside em atributos físicos ou sociais. Está acima de tudo na forma como cada uma se vê, se sente contemplada e se denomina. “As travestis também são as das revistas, das universidades, as que comandam projetos incríveis e também a que está no *BBB*. Ser travesti é ser resistência”, resume Alina.

E essa resistência não vem de hoje. A psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus, que é uma mulher trans, conta que desde a época do Brasil Colônia as travestis já estavam aqui – assim como a cultura de exclusão em relação a elas. “Xica Manicongo, a primeira travesti do Brasil, foi acusada do crime de sodomia no século 16 por usar vestimentas não adequadas ao gênero com que a identificavam. Desde sempre, o corpo travesti foi um corpo a ser perseguido e não reconhecido.”

A mestre em ciências sociais Letícia Rodrigues Ferreira Netto explica que esses estigmas são baseados na dualidade do que é certo e do que é errado dentro de uma construção social. Essas ideias acabam norteando toda a concepção sobre trabalho, família e, principalmente, poder. “A gente vem de uma lógica que divide por padrões e, nesse caso, o padrão é a mulher cis ou o homem cis. Quem sai dessa linha está errado. Se existe uma ideia de família tradicional e a travesti não se encaixa, então, onde ela vai ficar socialmente? A travesti seria ruim para essa lógica de controle sobre o indivíduo e por isso é excluída”, diz Letícia. A interpretação acadêmica é facilmente comprovada na prática, como nas memórias de infância de Alina Durso: “Eu lembro que, quando via uma travesti, minha mãe pegava minha mão e me fazia atravessar a rua, dizendo que aquilo era uma aberração. Somos criadas para odiar travestis”.

Nesse contexto, a comemoração (e a torcida) por Linn da Quebrada no *BBB* é mais do que justificada. Linn é a primeira travesti a integrar o reality show e a segunda pessoa trans, com um hiato de 11 anos desde a participação de Ariadna Arantes. “É a primeira vez que o público está vendo dentro da sua casa uma travesti que come, abraça outras pessoas e faz piadas como qualquer outra. Vejo como uma oportunidade pedagógica”, diz Ana Flor. Alina destaca também a importância de travestis poderem crescer tendo uma referência, algo inimaginável anos atrás: “Ao verem a Linn, elas enxergam que é possível chegar lá”.

Só a representatividade, entretanto, não é suficiente para mudar o vergonhoso cenário nacional – há 13 anos, o Brasil é o país que mais mata mulheres trans e travestis em todo o mundo, de acordo com relatório publicado anualmente pela Transgender Europe (TGEU). Para Jaqueline Gomes de Jesus, é fundamental uma mudança na educação brasileira. “É importante que a Justiça puna os crimes de transfobia. Mas isso funciona no curto prazo. No longo prazo, só vamos mudar essa realidade com uma educação que questione estereótipos de gênero, lugares de privilégios cis e a cultura machista.”

Apesar de todas as dificuldades, nem Ana Flor nem Alina veem a identidade como um peso. Muito pelo contrário. “Adoro ser travesti”, afirma Ana. “Não ignoro os processos de violência cotidiana a que estamos expostas, mas entendi que, como travesti, eu posso ser feliz.” Já Alina conta que, no início de sua transição, se sentia muito limitada como mulher trans. Ao ter contato com a identidade travesti, sentiu que ela “vestiu como uma luva”. E é categórica: “Me entender travesti foi o que salvou minha vida”.

